



BOXE: COMO ELAS FAZEM?

Flávio Py Mariante Neto.¹
Ileana Wenz.²
Marco Paulo Stigger.³

1. Introdução

Neste texto, pretendemos identificar e refletir sobre questões de gênero que atravessam ou configuram as práticas quotidianas do esporte. Ditas práticas encontram-se imbricadas com determinados significados, constituindo modos específicos de masculinidades e feminilidades e, ainda, parecem ser aceitas como “naturais e comuns” em nossa sociedade, mais especificamente em espaços educativos, tanto formais como não-formais. Para realizar tais reflexões, traremos situações apresentadas em um estudo etnográfico realizado numa academia de Porto Alegre, mapeando como homens e mulheres praticam boxe.

Em nossa cultura, aos sujeitos são atribuídos determinados adjetivos que acabam por classificá-los, em termos de gênero, como masculinos ou femininos. Agressividade, virilidade, força, coragem são adjetivos diretamente associados à masculinidade, enquanto que delicadeza, intuição, sensibilidade, à feminilidade. Esta classificação é tomada como “natural” e estendem-se também, às expressões corporais dos sujeitos e para as práticas de esportes.

O conceito de gênero tem sido utilizado com diferentes sentidos, nem sempre concordantes. Um desses sentidos é considerar gênero articulado à noção de sexo biológico, atribuindo características materializadas no corpo, para justificar comportamentos, valores e atitudes sociais. Neste uso, faz-se referência a uma essência de mulher, a partir da qual, se concebe todas as mulheres como sendo iguais, sem distinção de raça, geração, classe social, entre outros aspectos.

Outra forma de usar teoricamente o conceito de gênero é entendê-lo como uma construção social, cultural e lingüística que produz corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade, diferenciando sujeitos mulheres de sujeitos homens, em processos que duram toda a vida e que não acontecem de um modo linear. Tais processos vão conformando nuances de feminilidades e masculinidades que

¹ Licenciado em Educação Física e Mestrando da Escola de Educação Física da UFRGS. Participante do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF). E-mail: flaviomariante@hotmail.com

² Licenciada em Educação Física. Mestre em Ciências do Movimento Humano (EsEF/UFRGS).Doutoranda e Bolsista da CAPES/CNPq-IEL Nacional - Brasil. Participante do GESEF e do GEERGE.e-mail:ilewenz@gmail.com

³ Prof. Dr. Adjunto na Escola de Educação Física (EsEF/UFRGS). Coord. do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF). Site: /www.esef.ufrgs.br/gesef/



se encontram atravessadas por outras “marcas” que podem ser sociais, de raça/etnia, sexualidade, geração, entre outras. Segundo Guacira Lopes Louro (2000, p.61), “as marcas devem nos ‘falar’ dos sujeitos. Esperamos que elas nos indiquem sem ambigüidade suas identidades”. Porém, estas também não são fixas nem permanentes embora estejam, muitas vezes, materializadas no corpo. Assim, continua a autora, “esquecemos que a identidade é uma atribuição cultural: que ela é sempre dita e nomeada no contexto de uma cultura. Esquecemos que os corpos são significados, representados e interpretados” (2000, p. 62). Atualmente, o conceito de gênero assim compreendido é trabalhado por várias autoras como Dagmar Estermann Meyer (2004), Silvana Goellner (2003), Linda Nicholson (2000) e a autora já citada.

O foco do nosso estudo é o boxe. Esse esporte se caracteriza pelo uso dos punhos para acertar o adversário. Nele são utilizadas luvas de proteção e não é permitido que se utilizem golpes com as pernas, cotovelos e joelhos. Além disso, só são permitidos golpes acima da cintura. Existem duas modalidades de boxe: o olímpico, caracterizado pelo uso de capacetes durante as lutas e em que o objetivo é somar o maior número de pontos acertando golpes no adversário, e o boxe profissional em que não é utilizado capacete durante as lutas e o objetivo maior é derrubar o adversário e que ele permaneça no chão por dez segundos. Vejamos como isto acontece na academia observada considerando, em um primeiro momento, os aspectos metodológicos.

2. A academia e a prática do boxe

Os questionamentos anteriormente citados sobre gênero e as lutas nos conduziram a escolher a etnografia como instrumento metodológico, analisar a partir desse método significa inserir o estudo em uma perspectiva antropológica de investigação. Tradicionalmente, a Antropologia buscou compreender os costumes de povos distantes da realidade vivida pelo pesquisador (OLIVEIRA, 1996). Porém, ao voltar-se para a própria sociedade, essa ciência preocupa-se em entendê-la ou estranhá-la, na medida em que relativiza alguns conceitos enraizados no senso comum, em outras ciências ou na própria Antropologia. Ela permite, pois, que o pesquisador insira-se no campo de investigação com uma base teórica específica e procure, em um caso particular, articular os resultados do estudo com as teorias existentes.

A partir desses pressupostos teórico-metodológicos, O presente estudo foi o resultado da análise dos diários de campo de uma pesquisa realizada em uma academia de *fitness* com aulas de boxe da zona central da cidade de Porto Alegre. Ao todo foram analisados 30 diários de campo registrados entre os meses de Outubro de 2009 e Janeiro de 2010, as aulas foram realizadas no



período da noite e tinham uma hora de duração, perfazendo 2 observações por semana que foram anotadas em um diário de campo e posteriormente analisadas. Essa pesquisa é parte de uma dissertação de mestrado que estuda o boxe nas academias de *fitness*.⁴

O local tem uma história no universo das academias que têm o boxe como modalidade e é referência nesse tipo de prática. Há quinze anos oferece aulas para alunos iniciantes, intermediários e avançados, juntos nos mesmos horários. Existem praticantes homens e mulheres em turmas mistas e essa interação pôde ser observada. Além disso, possui aulas de boxe nos três turnos- manhã, tarde e noite- e a maioria das observações foram feitas no horário da noite, já que esta é a aula mais heterogênea em relação aos seus participantes. Nas observações, registrou-se a participação predominante de homens, as mulheres perfizeram não mais que uma ou duas participantes nas aulas. A academia oferece outras modalidades de ginásticas como: ginástica na cama elástica, localizada, ioga e musculação, e, pelas observações dos pesquisadores, nessas aulas a participação de mulheres é bem maior. Registrou-se também que, nas aulas de boxe, existem mulheres que já praticam a modalidade há bastante tempo, porém, não se registrou nenhuma luta entre as mulheres, diferente do caso de alguns homens que tinham essa prática como usual em seus treinamentos.

O objetivo desse estudo é entender, mediante a análise das falas e das observações, como se dá a participação e a interação entre homens e mulheres nessas aulas. A seguir, apresentaremos as discussões que foram realizadas a partir dos dados e a conclusão do estudo.

3 Da Prática do Boxe

A aula de boxe é, geralmente, dividida em três partes. Não pretendemos explicar com profundidade cada uma delas; o intuito aqui é, pois, analisar como foram identificadas as questões operacionais da presente pesquisa. Em num primeiro momento, os alunos se dispõem em frente ao espelho, que ocupa toda a extensão da parte central da sala, realizando movimentos de golpes e esquivas que servem tanto para aquecer a musculatura que será trabalhada posteriormente quanto para aprimorar as habilidades de luta. A seguir, são executadas algumas atividades envolvendo o uso de equipamentos dispostos pela sala, esse momento é chamado de “aquecimento”. A terceira parte da aula é realizada em duplas e se caracteriza pelo aprimoramento das questões técnicas com o uso de sacos de pancada e exercícios de *sparring*.⁵

⁴ A dissertação está em fase de conclusão, autoria de Flávio Py Mariante Neto.

⁵ Simulação de uma luta de boxe. Os alunos ficam frente a frente, ambos utilizando luvas de boxe, executando movimentos de ataque e defesa.



A partir disso, identificamos que a separação das duplas, parte que promove um maior contato físico entre os alunos, respeitava uma dinâmica de gênero que foi constante nas observações. Assim, espontaneamente, as mulheres formavam pares entre si e os homens também. Essas questões são percebidas e materializadas nos discursos das alunas de boxe. Como Renata que, sobre o assunto, discorre:

acho que as vezes a gente começa fazendo separado, até quando tem luta e tudo, até por isso né, depois leva um soco de um homem já viu né, machuca bem mais [...] e para eles realmente, se eles ficarem só me batendo fraquinho vai ficar ruim porque eles gostam extravasar mesmo né, eu vejo eles batem bem forte, e a gente aquele soquinho assim, bem delicado (risos)(20/04/2010)

Aqui, podemos perceber uma naturalização de Renata em relação à separação das duplas, e de como se espera que homem e mulher devam ser na prática do boxe. Em vista disso, ela, como mulher, espera que o seu golpe seja menos forte do que o do homem e que se configura como mais “fraquinho” ou “delicado”. Também se justifica que “eles gostam extravasar” mais do que elas. Assim, podemos observar como características tradicionalmente outorgadas a homens e a mulheres atravessam a execução dos gestos no boxe, assim, do homem é esperado que ele tenha uma atitude mais forte ou agressiva e da mulher, gestos mais comedidos e delicados.

Pra mim não me atrapalha em nada, só que o treino entre homens é bem diferente do que o treino com mulher [...] Agora, treinar com elas não é proveitoso, tipo fazer uma dupla assim [...] Tu não ganha nada, porque pelo menos com quem eu treinei não tá no mesmo nível que algum homem que esteja ali (Ricardo, 12/04/2010).

A fala de Ricardo expressa que este não percebe uma diferenciação no treino com mulheres, mas sim na parte das duplas, reconhecendo que “treinar com elas não é proveitoso”, isto, segundo ele, pode ser explicado pela questão técnica e não em razão da condição de ser mulher, pois treinar com alguma pessoa com nível técnico inferior implica não melhorar o treino tanto quanto poderia. Nessa situação, podemos observar como as mulheres são duplamente excluídas, por um lado, por uma capacidade técnica (que ainda não foi adquirida) e, além disso, pelo fato de serem mulheres. Estas situações foram observadas em pesquisas com crianças (ALTMANN, 1998, WENETZ; STIGGER, 2006).

Ainda, em relação à participação das mulheres no treino, Eduardo afirma:

Eu acho que tanto a mulher quanto o homem têm as mesmas condições de fazer, capacidade mental e tal [...] acho que os direitos são iguais. Agora claro que a mulher até fisicamente não tem as mesmas condições que o homem tem, não adianta a mulher querer se igualar na força. Agora o boxe, sabendo posicionar entre aspas a mesma proporção do que o homem, se a mulher vai te dar um *upper*⁶, por exemplo, e pegar, o cara cai, pó exemplo aquela morena alta que tem ali, a Amanda, bah, se ela me der um soco, eu caio. Uma vez eu tava na musculação fazendo *leg press* e ela tava revezando comigo, ela botou 98 quilos e eu fui lá e botei vinte, quer dizer, imagina uma mulher dessas chutando tua perna (...) (17/04/2010).

⁶ Golpe desferido de baixo para cima visando atingir o queixo ou o abdômen do oponente.



Ele discorre sobre as mulheres terem as mesmas condições de treino do que os homens durante as aulas “tanto a mulher quanto o homem têm as mesmas condições de fazer capacidade mental e tal [...] acho que os direitos são iguais”, aqui parece reconhecer que os dois tem acesso a pratica esportiva de modos idênticos, embora ele já atribui que essa capacidade seria só mental, condição atribuída geralmente mais a mulher do que ao homem. Ainda, quando ele faz referencia a condição física explica “a mulher até fisicamente não tem as mesmas condições que o homem tem”, ou seja, mais fraca fisicamente mais que através dos elementos que fazem parte do repertório técnico do boxe podem ter as mesmas condições de treino.

Além disso, cita que algumas mulheres, como Amanda, possuem mais força do que ele. Nessas falas, podemos observar diferentes elementos que constituem o discurso do ser feminino e ser masculino no boxe. Assim, por um lado, mulher deve ser mais fraca e delicada, portanto, embora possuírem as “mesmas condições”, a pratica não “é proveitosa com elas”. Aqui dois elementos se conjugam: o ser mulher e o ter menos força fisicamente (mulher = força). Por outro lado, na pratica esportiva do boxe, aparece o elemento técnico que permite “igualar” as condições do treino, embora os próprios sujeitos entrevistados reconheçam que mulher também pode ser forte. Temos aqui, a conjugação de três elementos (mulher=força=técnica).

Cabe destacar que, nessa pratica tradicionalmente masculina, a técnica se configura como um fator que permite “borrar” as fronteiras entre os gêneros no mesmo espaço. Assim, mulher pode não ser forte o suficiente mais, através da técnica, ela “se aproxima” na execução valorizada e realizada pelos homens.

Nessa relação, podemos destacar que ainda não existe uma situação de igualdade nem dentro nem fora do espaço do treino, pois as negociações do como e com quem serão realizados os exercícios são continuamente negociadas. E, fora o espaço da academia as praticantes admitem que “as pessoas estranham muito, todo mundo acha, porque eu sou pequenininha né? Dizem que eu sou muito delicada para fazer boxe, que boxe é agressivo. Meu pai é o mais apavorado” (Renata, 20/04/2010).

Podemos identificar a tentativa de manter a feminilidade por parte da família. O boxe, mesmo o de academia, parece ter uma imagem de esporte violento, talvez resultado de uma naturalização oriunda de filmes e programas de televisão que traduzam sempre o esporte dessa maneira e mostram-no, na maioria das vezes, como um esporte violento, com cenas fortes em que indivíduos machucam-se em cima de um ringue. Então, essas obras exploram o caráter violento e



agressivo do esporte (MELO E VAZ, 2005), isso pode fazer com que uma idéia essencialista⁷ seja refletida em ambientes de lutas, como a academia.

Observa-se, tanto nas produções teóricas de anos atrás quanto nas atuais, um duplo movimento, carregado de ambigüidades: se por um lado, no ambiente esportivo, promove-se uma resposta favorável aos discursos hegemônicos sobre os limites nas práticas esportivas que homens e mulheres podem realizar, por outro, a participação das mulheres em diversas práticas consideradas masculinas parece se “adequar” a outros significados, tais como à manutenção da beleza física, ao preparo do corpo para a maternidade, à sensualidade e a espetacularização do corpo feminino.

Apesar de hoje não haver uma estranheza tão grande por parte da sociedade referente à força feminina e à inserção das mulheres nos esportes, o aumento do número dessas participantes não significa, necessariamente, que ela não seja vista como uma mulher “masculinizada”.

Os corpos, tanto femininos quanto masculinos, são caracterizados, cada um deles, de uma determinada forma no esporte. O masculino deve ser agressivo, viril, forte e o feminino deve ser belo, gracioso, harmonioso, sutil. Falar de corpo, contemporaneamente, significa falar de identidade, pois o corpo tornou-se lugar de identidade (PROST, 1995). Segundo Foucault (2002, p.147), os corpos passaram de um “controle-repressão” para um “controle-estimulação”, observando-se um contínuo investimento de como esses corpos devem ser. As concepções que as pessoas têm sobre o corpo feminino e masculino atravessam e configuram a prática do boxe, como podemos observar nas falas a seguir:

Não digo que seja preconceito, mas é porque puts, se eu dou numa mulher vai ficar chato e se apanhar de uma mulher, mais ainda (risos). Eu dar numa mina é o fim da picada. Se eu vou fazer com uma mulher, eu me controlo bem mais (Carlos, 04/04/2010).

Trocação de soco acho que é coisa de homem, mulher não tem que ta fazendo, eu acho estranho. Eu nunca imagine ma mulher fazendo *sparring* pegado, nem me passa pela cabeça. Talvez seja um lado machista, acho que é isso, um lado machista. Na televisão eu até vejo assim, mas assim ao vivo eu ia começar a dar risada, eu ia achar engraçado. Eu nunca ia levar a sério, mulher é muito mais frágil, não tem que lutar. Eu acho que elas estão ali mais pra fazer uma atividade física mesmo, pra isso (Ricardo, 12/04/2010).

Nelas, observamos como conformam tanto a feminilidade quanto a masculinidade, pois “se eu dou numa mulher fica chato e se apanhar de uma mulher, mais ainda”, traz o quanto homem deve ser mais forte que a mulher e “não deve” apanhar dela “senão fica chato”. Na segunda fala, Ricardo reconhece que talvez até seja “um lado machista” pois mulher dando soco “é estranho”, “é coisa de homem”. Ainda, justifica-se a sua naturalização daquilo que espera que a mulher faça

⁷ Por essencialista entendemos uma visão *a priori* de qualquer fenômeno, nesse caso, do boxe. Uma maneira de ver independente do contexto em que está inserido, como se “por essência” o esporte fosse violento e agressivo, não importando outros fatores como o local de treino, o professor e sua maneira de dar aula.



nessa prática, ela pode fazer o boxe, entretanto, só como uma atividade física e, se por acaso virasse profissional, ele não levaria a sério.

4. Conclusão

A partir dessas interpretações, mapeamos diversas situações empíricas numa academia de boxe, modalidade considerada masculina (WACQUANT, 2002), a partir das quais analisamos como se dá a generificação neste local. Os diferentes esportes considerados masculinos podem ser entendidos como aquelas práticas que socialmente costumam ser exercitadas, majoritariamente, só por homens, como por exemplo: boxe, futebol, skate e lutas, etc. Assim, apesar de se observar um aumento na participação de mulheres nos esportes mencionados, tal fato não necessariamente leva a uma diminuição das dificuldades e preconceitos que as mesmas enfrentam para praticá-los.

As afirmações do parágrafo anterior vão ao encontro dos resultados desse estudo. Assim, podemos concluir que, apesar de haver mulheres participando das aulas de boxe, a elas é dado um “outro lugar” nas aulas. Assim, a separação das duplas por gênero reflete uma preocupação em inserir as mulheres em uma atividade predominantemente masculina e permeada por representações que não condizem com o que se espera de uma mulher na nossa sociedade: delicadeza e comedimento. Portanto, além das dificuldades em penetrar nesse universo – das lutas –, se espera que as mulheres pratiquem boxe não com objetivos competitivos ou de tornar-se uma lutadora, mas que estejam ali para realizar uma atividade física com uma preocupação predominantemente estética.

5. Referências

ALTMANN, Helena. *Rompendo Fronteiras de Gênero: Marias (e) homens na Educação Física*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. 1998.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad: Roberto Machado. GRAAL Rio de Janeiro, 2002.

GOELLNER VILODRE, Silvana. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher* na Revista Educação Física. 1. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2003. v. 1000. 152 p.

MELO, V. A.; VAZ, A. F. Cinema, corpo e boxe: notas para pensar a relação boxe e sociedade. *Temas e Matizes*. Rio de Janeiro, n. 7, 1. sem., 2005.



MEYER ESTERMANN, Dagmar; SOARES, Rosângela. Corpo, Gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: *Corpo, Gênero e sexualidades*. MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (Orgs.). Mediação. Porto Alegre, 2004.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o Gênero. In: *Estudos Feministas*. CFH-CCE-UFSC. Vol. 8. N.2-2000.

PROST, Antoine; VINCENT, Gerard (Org.). *História da vida privada*. São Paulo: Cia. das letras, v. 5: Da Primeira Guerra a nossos dias. 1995. p. 94-113.

LOPES LOURO, Guacira. Corpo, Escola e Identidade. In: *Educação & Realidade*. 25(2) 59-75. jul-dez.2000.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação & Realidade*. 20 (2):71-99. Jul-dez. 1995.

WACQUANT, L. *Corpo e alma*: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo. *A Construção do Gênero no Espaço Escolar*. Movimento. Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 59-80, janeiro/abril de 2006.